

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Coneio do Estado Class.: 268

Data: 04.12.83 Pg.: _____

João Bugre não matou o cacique Marçal

Investigações voltam a estaca zero e o caso fica ainda mais complicado para a Polícia

"Não foi João Bugre quem matou o indígena Marçal de Souza". A conclusão, é da Polícia Federal e foi anunciada ontem, em Ponta Porã, juntamente com fatos como: João Bugre esteve na Delegacia, depois de ter sido localizado na fazenda Lagoa Azul, situada a 30 quilômetros do município de Antônio João, prestou depoimento e foi liberado. Isto, após ter sido levado à aldeia, ser reconhecido como João Bugre mas não como assassino de João Marçal, por testemunhas oculares do crime, como Eliza Vilhalba.

Ela é uma índia, companheira de Marçal na enfermaria da reserva, e seu irmão estava com João Bugre na ocasião do assassinato. Ambos deixaram a aldeia na ocasião do crime e este fato,

associado ao fato de Eliza ter ouvido a frase "vamos embora João", logo após o crime, levaram a Polícia a ter João Bugre como suspeito número um da morte de Marçal.

FOI UM PARAGUAIO

Depois deste acontecimento, o delegado Coelho Neto (da Polícia Federal em Ponta Porã) que preside o inquérito, ficou quase uma noite inteira conversando com João Bugre, inclusive lhe oferecendo arma e este demonstrou não saber manuseá-la. As investigações voltam a estaca zero. "A Polícia tem que começar tudo de novo" disse o delegado Coelho Neto, comentando que este fato complica tudo

agora, mas "o importante é que se faça justiça e tudo fique esclarecido o mais breve possível".

O fato da índia Eliza ter ouvido menção ao nome João, na fuga, aponta um elemento conhecido no Paraguai como João Xamamé, como o principal suspeito, agora. Juntando-se a isso o pensamento do delegado Coelho Neto de que "isso não é coisa de índio", cresce com força a suposição de que os autores da morte do indígena são pistoleiros paraguaios.

Em decorrência disso, conforme raciocínio policial, aumenta a hipótese de que o indígena Marçal de Souza tenha sido assassinado por problemas de disputa de terras. Nesse aspecto,

vale lembrar, que ele já foi ameaçado de morte e recebeu proposta de suborno (receberia cinco milhões se parasse de reivindicar a safra de fazendeiros das 1.500 hectares de terras pertencentes aos índios), o qual não aceitou.

Nesta investigação a Polícia não vai deixar de ouvir fazendeiros; uma vez que aparecem como suspeitos de terem sido mandantes, até mesmo porque o problema de terras é entre índios e fazendeiros. Mas, as autoridades policiais empenhadas no caso, continuam não afirmando muito a respeito do caso, no que tange a novas informações. "Isso é coisa de índio; ninguém entende, é um rolo tremendo", desabafam policiais que atuam no caso.

A índia Eliza ganha atenção no caso, por ser uma importante testemunha e ter convivido muito tempo com Marçal, como sua assistente. Teve um filho há três dias atrás, o qual presume-se ser de Marçal, segundo fortes comentários na reserva. Contudo, não tem peso (ainda mais agora, depois da localização de João Bugre) a hipótese de que sua mulher mandou matá-lo uma vez que Marçal estava de férias e esteve em sua casa com os filhos, em Dourados, até dia 23, dois dias antes do crime.

CASA CIVIL

Não só politicamente, como também pela responsabilidade de anunciar

a mulher de Marçal como mandante do assassinato do líder indígena, a Casa Civil está complicada agora. Igualmente fica em situação difícil a Secretaria de Segurança Pública, uma vez que a Casa Civil do Governo do Estado, alega ter expedido uma nota com a causa do crime em menos de 24 horas (o que é raríssimo acontecer na Polícia) com informações fornecidas "preliminarmente, pela Secretaria de Segurança Pública".

Paralelamente a este comentário, fala-se também em Dourados, na entrada de uma ação judicial contra tal manifestação, considerada "altamente precipitada", por alguns advogados que acompanham o caso.